

# MULHER UNIVERSITÁRIA: DIFICULDADES E SUPERAÇÕES PARA CONCLUIR O ENSINO SUPERIOR\*

*UNIVERSITY WOMEN: DIFFICULTIES AND OVERCOMING TO FINISH HIGHER EDUCATION*

Rosimar Morais Barbosa 1  
Mariany Almeida Montino 2

**Resumo:** No Brasil, as mulheres só foram autorizadas a frequentar um curso superior no ano de 1879. Na atualidade, a carga de atividades na rotina das mulheres não é pouca, seja nas tarefas domésticas, ou no emprego assalariado, ainda assim, muitas delas ainda procuram recuperar ou avançar nos estudos, com o intuito de uma melhor qualificação profissional. Com esta pesquisa se propôs conhecer a realidade das mulheres que frequentam a universidade, bem como compreender as dificuldades que as acadêmicas do curso de Pedagogia têm em conseguir se manter na faculdade e concluir o curso. Trata-se de uma pesquisa básica qualitativa, contendo também dados quantificáveis, coletados por meio de questionários, entrevistas semi-diretivas, análise documental e revisão bibliográfica. Observa-se que as duas maiores dificuldades são o cansaço físico e mental e a questão financeira, que as fazem escolher o curso de Pedagogia, por ser mais barato, mas ainda assim, nem sempre conseguem pagar e muitas desistem, antes de se formar. Outro ponto importante é a dificuldade de ter alguém com quem deixar os filhos, aparentemente por isso muitas delas ingressam na faculdade depois dos trinta anos. Constatou-se também que nos cursos de Administração e Ciências Contábeis, ingressam muito mais mulheres que homens, entretanto, entre os concluintes destes cursos há muito mais homens que mulheres.

**Abstract:** In Brazil, women were only allowed to attend a university course in 1879. Currently, the burden of activities in the routine of women is not small, whether in household chores or in salaried employment, yet many of them still seek recover or advance in studies, with the aim of better professional qualification. With this research it was proposed to know the reality of the women who attend the university, as well as to understand the difficulties that the students of the Pedagogy course have in being able to stay in college and finish the course. It is a basic qualitative research, also containing quantifiable data, collected through questionnaires, semi-directive interviews, document analysis and bibliographic review. It is observed that the two biggest difficulties are physical and mental fatigue and the financial issue, which make them choose the Pedagogy course, because it is cheaper, but still, they are not always able to pay and many give up, before graduating. Another important point is the difficulty of having someone to leave the children with, apparently that is why many of them enter college after the age of thirty. It was also found that in the Administration and Accounting Sciences courses, many more women than men enter, however, among the graduates of these courses there are many more men than women.

**Palavras-chave:** Mulheres no Ensino Superior; Dificuldades no Ensino Superior; Questões de gênero.

**Keywords:** Women in Higher Education; Difficulties in Higher Education; Gender issues.

\*Pesquisa realizada com bolsa do Programa de Iniciação Científica (PROIC 2018/2019) da Faculdade Itop.

1-Graduanda em Pedagogia da Faculdade ITOP. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9278162856593708> ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4846-3392> E-mail: [rosimarbarbosa99@gmail.com](mailto:rosimarbarbosa99@gmail.com)

2-Doutora e mestre em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Professora da Faculdade ITOP. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3117524559575296>. ORCID <https://orcid.org/0000-0002-8277-0644> E-mail: [mariany.am@unitins.br](mailto:mariany.am@unitins.br)

## Introdução

Atualmente a mulher tem conquistado muitos direitos garantidos por lei, um desses direitos adquiridos foi o acesso à educação. No Brasil, a primeira instituição de ensino superior foi a Escola de Cirurgia da Bahia, criada em 1808, mas o acesso ao ensino superior para mulheres só se deu no final do século XIX. Rita Lobato Velho Lopes, primeira médica brasileira, segunda médica da América Latina e primeira vereadora do Rio Grande do Sul, transferiu-se da escola médica do Rio de Janeiro para a Bahia onde era a única mulher. Sua presença provocou a mesma discussão – uma mulher deve estudar medicina? Um jornal da Bahia a Gazeta Acadêmica, provocou um debate sobre o assunto. De um lado os argumentos fisiológicos como o tamanho do cérebro que as “impedia de reter a intrincada joia” das verdades médicas, afinal a mulher foi criada pela natureza, apenas para o lar, a família e a maternidade. De acordo com o depoimento de um aluno do 5º ano de Medicina para esta reportagem – ninguém desejaria casar-se com uma médica, “viciada pelo contínuo costume de frequentar as ruas”; assim tais doutoras deveriam abandonar suas carreiras ou permanecer solteiras, furtando-se ao dever de dar à pátria um cidadão e um membro à sociedade. O outro lado do debate argumentava que algumas mulheres podiam dominar temas científicos e que as mulheres podiam e deviam estudar medicina, apesar do cérebro menor. (COLLING, 2011, pg.180).

As mulheres no Brasil só foram autorizadas a frequentar um curso superior no ano de 1879 quando a elas fora concedido o direito ao ensino universitário por Dom Pedro II, então Imperador do Brasil, “por meio da Reforma Leôncio de Carvalho, que conferiu a liberdade e o direito da mulher de frequentar cursos em Faculdades e obter um título acadêmico”. (FILGUEIRAS, 2004, p.350).

Convém ressaltar que o objetivo do ensino das mulheres, no século XIX, era totalmente diferente do objetivo do ensino dos homens. Os homens eram educados para serem principalmente advogados e médicos, enquanto às mulheres eram ensinadas apenas as prendas domésticas importantes para o destino que as esperava: o casamento. Elas eram educadas para se tornarem donas de casa, mães e esposas dedicadas aos seus maridos.

Ao sexo feminino cabia, em geral, a educação primária, com forte conteúdo moral e social, dirigido ao fortalecimento do papel da mulher como mãe e esposa. A educação secundária feminina ficava restrita, em grande medida, ao magistério, isto é, à formação de professoras para os cursos primários. As mulheres continuaram excluídas dos graus mais elevados de instrução durante o século XIX (BELTRÃO; ALVES, 2009, p. 128).

Na atualidade, as exigências vivenciadas pelas mulheres em sua rotina diária não são poucas, pois além de dar conta dos serviços domésticos e dos filhos muitas delas ainda trabalham fora e procuram recuperar o tempo perdido quanto aos estudos, retomando-os com o intuito de uma melhor adequação profissional ou dando prosseguimentos em níveis superiores e em especializações, em busca de uma melhor qualificação para o mercado de trabalho e realização profissional. No entanto, não tem sido fácil conciliar tantas tarefas e com isso a mulher acaba por se sentir culpada por não conseguir desempenhar suas tarefas com excelência. Ainda assim, mesmo diante de tanta pressão interior e social, a mulher brasileira tem sido sinônimo de força, superação e conquista pelo exemplo que ela tem dado não só na sociedade atual, mas para as próximas gerações que terão como referência uma mulher guerreira, batalhadora e que não se rende diante das dificuldades que venha a enfrentar.

O magistério e a enfermagem foram durante muito tempo as únicas atividades admitidas ao público feminino. Talvez por tratar do cuidado, como uma extensão do lar, por estar na fronteira entre o público e o privado e não se caracterizar como trabalho, mas vocação. As reivindicações de igualdade entre os sexos, sempre foi barrado sob o argumento da natureza

feminina. Invoca-se o discurso médico para justificar o papel conferido a mulher na família ou na sociedade. Segundo este discurso, o útero é o órgão que dá identidade à mulher, que explica as características de sua fisiologia e de uma psicologia vulneráveis. A “sufocação da matriz” ou “furor uterino” é a origem da histeria. Dizia-se que o ataque histérico chegava até ao cérebro. E por este motivo as mulheres deveriam ser submissas ao homem que as protegeria de seus males. Segundo Barreto (2014, p.56)

a despeito da formalização da igualdade, a ordem social continua marcada pela desigualdade, configurando uma divisão sexual de tarefas em que, para determinadas posições, carreiras e funções, são valorizadas características atribuídas aos homens e à masculinidade e, para outras, características atribuídas às mulheres e ao feminino [...]

Para uma boa atuação no mercado de trabalho, por exemplo, é ainda comum que se valorizem a racionalidade, a competitividade, a busca pelo sucesso, entendidas pelo senso comum como pertinentes ao universo masculino. Já os cuidados da casa e da família, como a valorização do amor, da compaixão, da submissão, da empatia, ainda são vistos muitas vezes como características essencialmente femininas.

Toda mulher deve, pois, ser cuidadosamente preservada do trabalho exterior, a fim de poder preencher dignamente sua santa missão. Voluntariamente encerrada no santuário doméstico, a mulher aí promove livremente o aperfeiçoamento moral de seu esposo e de seus filhos, cujas justas homenagens ela aí dignamente recebe (COMTE, 2000, p. 278).

O casamento, apresentado como única opção feminina, estava presente nos conselhos da mãe à sua filha, nos romances para moças, nos sermões de um padre, nas opiniões de um juiz ou legislador, portanto, não era fácil romper com estas concepções.

Barroso e Mello (1975) consideram que foi marcante o crescimento da participação feminina nas universidades entre 1956 e 1971, passando de 26% para 40%. As autoras apontam para as características desta participação, evidenciando que ela não ocorre de modo uniforme; o aumento da concentração se dá, sobretudo, naquelas carreiras ‘femininas’ definidas culturalmente como mais apropriadas à mulher.

Para Rosemberg (1997), “apesar da igualdade de oportunidades no acesso e permanência de homens e mulheres no sistema de ensino brasileiro, o sistema de ensino trata de forma diferenciada homens e mulheres, articulando-se ao princípio da divisão sexual do trabalho. (p.39)”.

Mesmo depois da educação superior para as mulheres ter se tornado uma realidade com a lei, a maioria dos homens cultos ainda defendia que a energia das mulheres deveria ser totalmente devotada ao serviço de suas famílias. Diziam muitos que o emprego feminino era necessário exclusivamente porque algumas mulheres fracassavam em conseguir a “melhor carreira feminina” que era o casamento. O discurso da função da mãe, de “guardiã do lar”, de elemento estabilizador dentro da família, assume um tom doutrinário, moralista, com a intenção de proteger a mulher contra as mudanças acarretadas por um mundo em transição. A obtenção de conquistas femininas é condicionada à segurança de que a função primordial da mulher, seu papel de mãe e de dona de casa, não será afetada. Esta pesquisa propõe, portanto, conhecer a realidade das mulheres que frequentam a universidade, bem como as dificuldades que as acadêmicas do curso de Pedagogia de uma das instituições privadas de ensino superior do município de Palmas, TO, têm em conseguir se manter na faculdade e concluir o curso.

## Metodologia

Essa é uma pesquisa básica qualitativa, apesar de apresentar também dados quantificáveis. Os dados foram coletados através de questionários aplicados a oitenta acadêmicas de todos os períodos do curso de Pedagogia ofertados por uma das instituições privadas de ensino superior do município de Palmas, TO, no semestre letivo de 2018.2; além de entrevistas semi-diretivas realizadas com cinco acadêmicas do oitavo período. Também foi realizada análise documental dos registros da secretaria acadêmica referente às matrículas, integralizações e trancamentos dos cursos de Pedagogia, Ciências Contábeis, Administração e Serviço Social. Além disso, foi realizada uma revisão bibliográfica sobre o tema.

As entrevistas aconteceram na própria faculdade, durante o período de duas semanas, em uma sala que não estava sendo utilizada, na hora do intervalo. Todas as entrevistas foram gravadas para serem transcritas, com o assentimento das entrevistadas. Os questionários buscaram conhecer a realidade e as dificuldades que as mulheres encontraram para ingressar e se manter no ensino superior; e foram aplicados para todas as acadêmicas frequentes do curso de Pedagogia em 2018.2, em um único dia, na hora do intervalo, em cinco salas de aula, com a permissão das professoras das turmas.

A análise de documentos da secretaria acadêmica trouxe os dados quantificáveis da pesquisa. Os dados sobre matrícula, integralização e trancamento dos acadêmicos e acadêmicas foram solicitados junto à secretaria da Faculdade e em relação ao recorte temporal da pesquisa, foram analisados os dados do período de 2014 a 2018, sendo comparado o número de acadêmicos e acadêmicas que ingressaram e que conseguiram concluir o curso de Pedagogia. E ainda, a fim de comparar os dados do curso de Pedagogia com os demais cursos da Faculdade, buscou-se identificar o quantitativo de homens e mulheres matriculados nos diversos cursos da faculdade e o quantitativo dos que conseguiram concluir.

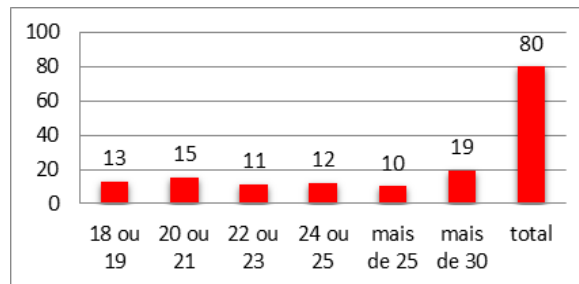
Como método de análise de dados foram utilizadas as contribuições da análise de conteúdo, por se aproximar da natureza da pesquisa qualitativa. A partir dos dados do questionário foram escolhidas para as entrevistas, cinco acadêmicas, mães de família, que tinham algum histórico mais relevante de dificuldade e superação para estar na faculdade. As entrevistas foram gravadas com o assentimento das mesmas para serem transcritas e buscou-se *pinçar* nas falas das acadêmicas as dificuldades encontradas, o que ajudou a selecionar os indicadores que foram agrupados em duas categorias: Categoria 1. Dificuldades encontradas e Categoria 2. As compensações.

## Análise dos questionários

Os questionários buscaram conhecer a realidade e as dificuldades que as mulheres encontram para ingressar e se manter no ensino superior. Para um mapeamento do perfil desse público, buscou-se conhecer a idade, o gênero e o número de filhos das participantes. Outros dados considerados relevantes foram o tempo que as acadêmicas permanecem no curso, a fim de verificar se há prazos muito longos que elas utilizam para conseguir se formar; e ainda os meios de transporte que utilizam para chegar à faculdade e o tipo de auxílio que recebem. Por fim, o indicador “Dificuldades encontradas” procurou mensurar, entre as dificuldades mais comuns, quais afetam mais especificamente as acadêmicas do curso de Pedagogia e em que medida isso ocorre. A seguir, são apresentados os resultados das análises realizadas com base nos resultados obtidos com a coleta desses dados.

### **Idade - Neste indicador buscou-se conhecer a idade das participantes, para entender qual era a faixa etária predominante na faculdade.**

**Gráfico 1 - Idade**

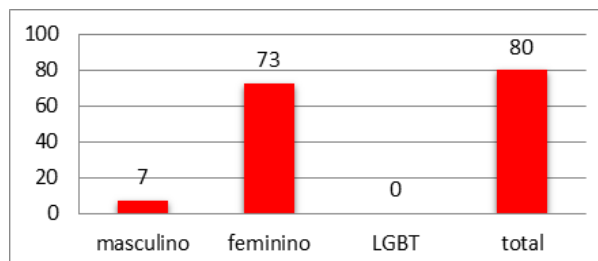


**Fonte:** Arquivo da pesquisadora

Observa-se um equilíbrio entre o número de acadêmicas com idades entre 18 e 25, com maior pico entre 20 e 21 anos. Um dado que chama a atenção é que a maioria das acadêmicas têm idade acima de 30 anos, o que dá a entender que boa parte das mulheres pesquisadas procuram a formação superior após o encaminhamento das obrigações com os filhos, quando estes já têm uma maior independência.

**Gênero** - Este indicador buscou identificar o quantitativo de homens e mulheres no curso de Pedagogia, apesar de ser notória a presença da maioria de mulheres na educação básica, principal atuação profissional das pedagogas.

**Gráfico 2 - Gênero**

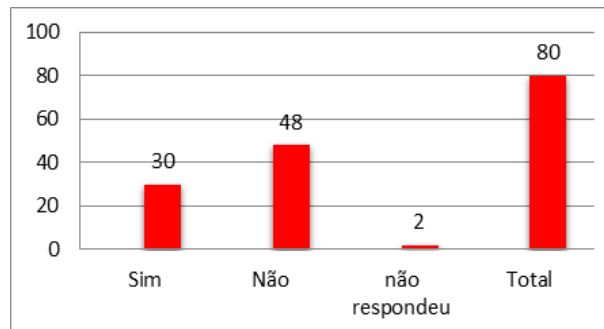


**Fonte:** Arquivo da pesquisadora

No curso de pedagogia desta faculdade o público predominante é do sexo feminino, temos apenas sete homens no curso. Conforme dados do último Censo da Educação Superior, de 2012, coletados pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), a maioria do corpo discente das universidades brasileiras é do sexo feminino. A pesquisa confirma que o universo acadêmico registra, atualmente, maior número de mulheres matriculadas em cursos de graduação presenciais.

**Número de Filhos** - Este indicador buscou identificar, entre as acadêmicas, as que são mães e o número de filhos.

**Gráfico 3 – Número de filhos**



**Fonte:** Arquivo da pesquisadora

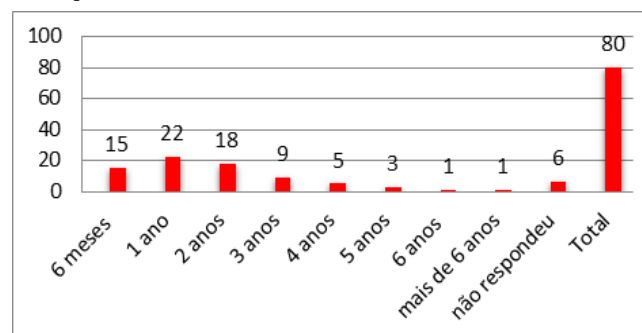
Entre as mulheres que responderam aos questionários, 48 delas não têm filhos; 30 têm de 1 a 3 filhos; duas não responderam. Entre aquelas que são mães, a maioria já tinha os filhos antes de ingressar na faculdade e já se organizaram nesse cenário, apesar das dificuldades. Há, no entanto, aquelas que engravidaram durante o curso, necessitando de uma profunda reorganização na sua rotina acadêmica. Como afirma Miller (2005, p.56),

a experiência subjetiva de ser mãe, em contraste com as “imagens antecipadas” acerca da maternidade, pode lançar a vida de mulheres em uma temporária confusão. Quando esta experiência está associada às exigências acadêmicas, como podemos notar, a situação revela-se ainda mais complexa [...]

São muitas as mudanças, envolvendo um verdadeiro processo de reconstrução para abarcar não apenas a nova posição, a de mãe, mas para refazer uma outra, a de universitária que vinha se construindo dentro de um determinado padrão, e que, após o nascimento do filho, precisa adequar-se à nova situação.

**Tempo de Curso** - Nesse indicador, buscou-se identificar há quanto tempo as acadêmicas estão na faculdade, desde aquela do primeiro período a do oitavo período e com isso observar se há diferença em relação ao quantitativo de acadêmicas em cada ano, além de saber se há alguma que não conseguiu concluir o curso no tempo regular que é de quatro anos.

**Gráfico 4 – Tempo de curso**

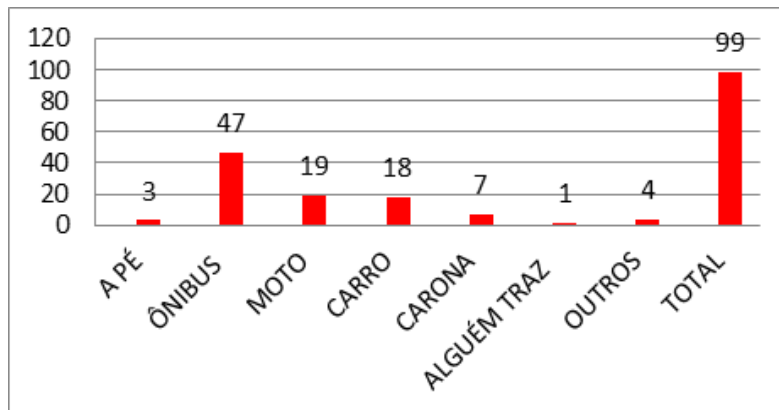


**Fonte:** Arquivo da pesquisadora

O gráfico mostra que nos dois primeiros anos o número de acadêmicas dentro da faculdade é maior, sendo no primeiro ano referente ao segundo período do curso, com dois anos de faculdade estariam no quarto período. Contudo seguindo esta lógica podemos perceber que aos três anos de frequência ao curso, quando elas estariam no sexto período, este número de alunas começa a diminuir, sendo visível um maior número de acadêmicas evadindo da faculdade nesse período. Chegando ao final, no oitavo período observamos que muitas ficaram pelo caminho, e apenas 25% das acadêmicas conseguem concluir o curso.

**Meios de Locomoção** - Neste indicador buscou-se conhecer como as acadêmicas chegam à faculdade, e com quais dificuldades.

**Gráfico 5** – Meios de locomoção

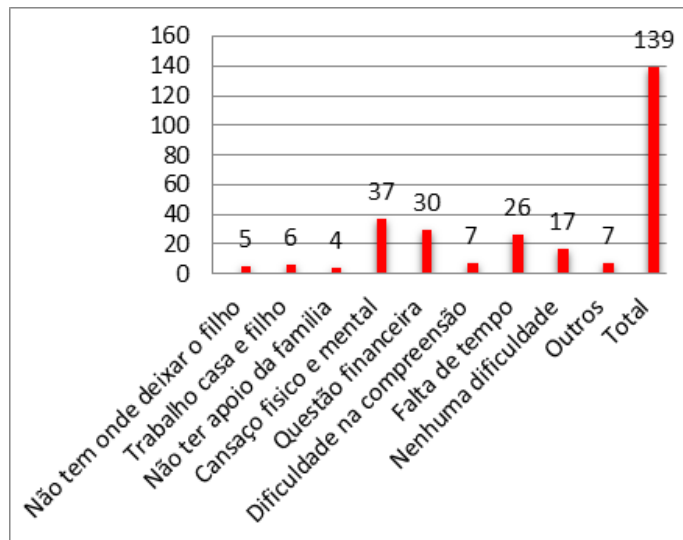


**Fonte:** Arquivo da pesquisadora

De acordo com o gráfico é possível observar que o transporte mais utilizado pelas acadêmicas é o ônibus coletivo, sendo uma dificuldade encontrada por elas pelas condições dos ônibus lotados. Por vezes chegam atrasadas por não conseguirem pegar o ônibus no horário, além disso, são muitos os perigos que as mulheres estão sujeitas ao ir ou voltar da faculdade, assaltos, violência física, entre outras, principalmente em Palmas, devido suas quadras escuras e desertas. Para amenizar os perigos que sofrem ao se deslocarem da faculdade para o ponto de ônibus, as acadêmicas utilizam de estratégias, como sempre ir em grupo para os pontos de ônibus ou esconder os pertences em locais que não fiquem à vista de outras pessoas, por medo de serem assaltadas. As que utilizam moto ou carro têm uma despesa a mais para se manter, com combustível e manutenção do veículo. Contudo é o meio de transporte mais rápido para aqueles que saem do serviço no mesmo horário em que iniciam as aulas na faculdade.

**Dificuldades Encontradas** - Neste indicador buscou-se identificar as maiores dificuldades encontradas pelas mulheres para conseguir concluir o ensino superior.

**Gráfico 6 – Dificuldades encontradas**



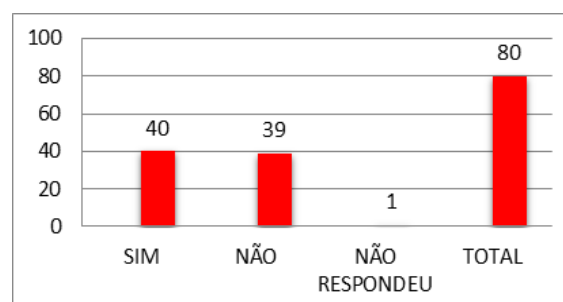
**Fonte:** Arquivo da pesquisadora

Nesse tópico, o questionário listou sete dificuldades principais, com espaço para que as acadêmicas acrescentassem outras. As acadêmicas podiam assinalar quantas opções quisessem. Dentre os oitenta questionários respondidos, foram identificados 139 apontamentos dessas dificuldades, como se pode observar no gráfico acima.

As acadêmicas relatam que a necessidade de conciliar família, emprego e estudos, muitas vezes acaba provocando cansaço físico e mental, diminuindo o rendimento escolar de algumas delas. O ritmo mais cansativo é das estudantes que tem tripla jornada, ou seja, estudo, trabalho e atividades domésticas. Muitas vezes as alunas testemunham que existe pouco ou nenhum tempo para a realização de atividades em casa e que trabalhos escolares tornam-se inviáveis, a não ser nos casos em que exista prazo suficiente para entrega, e que tenha um final de semana para que estes possam realizar as atividades solicitadas. A questão financeira é outro desafio para se manter na faculdade, tanto pelo pagamento das mensalidades, como para se manter com locomoção e alimentação.

**Auxílio** - Neste indicador buscou-se saber se estas acadêmicas recebem alguma ajuda para se manterem na Faculdade, seja por meio de custo próprio, dos familiares ou de algum programa do governo.

**Gráfico 7 – Auxílio**



**Fonte:** Arquivo da pesquisadora



De acordo com o gráfico quarenta acadêmicas recebem auxílio para custear a faculdade. Destas, trinta acadêmicas contam com programas do MEC como o Fundo de Financiamento Estudantil (Fies), que destina-se a financiar a graduação no Ensino Superior de estudantes que não possuem condições de arcar com os custos de sua formação. E o Programa Universidade para Todos (ProUni), criado pelo Ministério da Educação em 2004, que oferece bolsas de estudo em instituições privadas de ensino superior. As bolsas concedidas integrais (100%) ou parciais (50%) são destinadas a estudantes brasileiros de baixa renda e sem diploma de nível superior. Fundamentais para a permanência estudantil em faculdades privadas, estes programas são muito importantes para a manutenção de alunos com baixa renda no ambiente universitário. As outras dez acadêmicas que declararam receber auxílio, contam com a ajuda dos familiares ou do próprio trabalho. Algumas acadêmicas ainda moram com os pais, e para as que não moram com a família, os familiares mandam dinheiro, ajudando assim com as mensalidades da faculdade. Já outras acadêmicas como eu, por exemplo, trabalham e mantêm a faculdade e suas despesas extras apenas com o que recebe com o seu trabalho.

## **Análise das entrevistas**

As entrevistas buscaram identificar as dificuldades e superações das acadêmicas para se manter na faculdade e conciliar suas outras obrigações como a família e o trabalho, partindo do seguinte roteiro de questões: Pode falar um pouco sobre você mesma? Por qual motivo resolveu cursar uma faculdade? Qual a sua maior dificuldade para se manter na faculdade? O que você teve que superar para permanecer na faculdade até agora e conseguir se formar? O que você pensa ou sente quando olha para trás e se lembra das colegas de curso que foram ficando pelo caminho? Você conhece alguma dessas histórias? Poderia nos contar?

As entrevistas semi-diretivas foram realizadas com cinco acadêmicas escolhidas do oitavo período do semestre letivo de 2018.2. As entrevistas foram realizadas na própria faculdade durante duas semanas em uma sala que não estava sendo usada, na hora do intervalo. Todas as entrevistas foram gravadas com o assentimento das acadêmicas para serem transcritas. A partir dessa transcrição e da leitura dessas falas, foram *pinçados* os indicadores de análise, que foram agrupados em 2 categorias, conforme mencionado anteriormente.

## **Dificuldades encontradas**

**Cansaço físico e mental** - Como precisam trabalhar e tem uma rotina cansativa, o cansaço físico e mental foi um tópico levantado por todas as entrevistadas. Algumas têm que sair do serviço direto para faculdade, muitas vezes sem passar em casa para se alimentar ou ver os filhos.

**Com quem deixar os filhos** - De todas as entrevistadas apenas uma delas está desempregada por conta do estágio do oitavo período. Mas todas trabalham fora e cuidam da casa e do filho. Duas pessoas mencionaram que não tinham ou não tem com quem deixar os filhos e isso atrapalhou muito a sua vida acadêmica, de dona de casa, mãe e trabalhadora, outras entrevistadas precisam deixar os filhos em casa ou com os pais, ou irmãos mais velhos e algumas vezes com vizinhas ou parentes, para poder sair para trabalhar ou estudar fora.

Atualmente as mulheres têm certa facilidade para estudar, e em alguns casos podem contar com pessoas que ajudam a cuidar dos seus filhos enquanto as mesmas estão na universidade. Já no período colonial no Brasil, isso seria impensável, pois a educação feminina restringia-se então somente a aprender os trabalhos domésticos e maternais, para ser uma boa esposa e mãe. Segundo Aragão e Kreutz (2010, p. 109), “desde o período colonial, a educação feminina era restrita ao lar e para o lar, ou seja, aprendiam atividades que possibilitassem o bom governo da casa e dos filhos”. Isto porque, de acordo com a cultura disseminada na época, não havia necessidade de educação escolarizada. “A tradição ibérica, transposta de Portugal

para a colônia brasileira, considerava a mulher um ser inferior, que não tinha necessidade de aprender a ler e escrever” (RIBEIRO, 2000, p. 79).

Mediante a representatividade de acadêmicas que são mães, sugere-se ambientes nas instituições de ensino superior que possibilite a integração dos filhos das mesmas, por exemplo, uma brinquedoteca para os filhos das alunas, onde uma/um brinquedista seria responsável pelo acolhimento destes pequenos em horários de aula.

**Gravidez** - Outra questão muito falada pelas entrevistadas que viveram ou conheceram alguma colega que deixou o curso foi a da gravidez. Uma entrevistada demorou muito tempo para ingressar na faculdade e outras acadêmicas tiveram que deixar o curso por conta da gravidez. Outra entrevistada esperou a sua filha chegar à idade de poder andar de moto para ela poder ir para a faculdade.

**Desafios para se manter no curso** - É impressionante a alta evasão durante o curso, e o número reduzido de acadêmicas que permanecem no curso e conseguem se formar. Menos da metade das alunas que ingressaram no primeiro período do Curso de Pedagogia conseguiram concluir, ou seja, 25 ingressaram, só 7 conseguiram concluir. Entretanto, todas as entrevistadas acreditam que é importante vencer os desafios e, por meio da conclusão da faculdade, superar as dificuldades, alcançando os seus objetivos e desejos, pois acreditam que terão uma melhor qualidade de vida, com melhores condições profissionais.

**Questão Financeira** - A questão financeira das acadêmicas influencia demasiadamente em sua formação. Muitas daquelas que não recebem uma ajuda para manter a faculdade acabam por trancar o curso. As acadêmicas em período de gestação ou com filhos menores também encontraram dificuldades, especialmente aquelas que precisam trabalhar fora. Todas as entrevistadas relataram que uma das coisas que mais dificulta a vida de uma acadêmica é a questão financeira, assim como também foi uma das principais causas de algumas acadêmicas terem que trancar o curso. Duas acadêmicas moram em outras cidades aumentando ainda o gasto financeiro, se tornando um desafio que enfrentam todos os dias. Infelizmente uma delas teve que deixar o curso depois de quatro anos.

## **Categoria 2: as compensações**

**Sonho e Terapia** - Duas entrevistadas relataram que entraram na faculdade para realizar um sonho tanto seu como da família. E uma delas disse que a faculdade serviu como uma terapia ocupacional para superar um momento difícil na sua vida pessoal.

Na Europa a mulher ocupava em geral um lugar inferior na hierarquia social, estando suas funções moralmente associadas aos cuidados com o lar, o marido e os filhos. No decorrer do séc. XIX, por exemplo, é possível identificar na ideologia positivista um reforço desta construção cultural em relação à figura social da mulher e às funções especificamente femininas:

Toda mulher deve, pois, ser cuidadosamente preservada do trabalho exterior, a fim de poder preencher dignamente sua santa missão. Voluntariamente encerrada no santuário doméstico, a mulher aí promove livremente o aperfeiçoamento moral de seu esposo e de seus filhos, cujas justas homenagens ela aí dignamente recebe (COMTE, 2000, p. 278).

A mulher era considerada como o “sexo frágil” e foi designada para o mundo privado onde não podiam ter direito a trabalhar e nem estudar, ou seja, apenas dedicada aos cuidados domésticos e maternos. Com base em uma suposta “natureza delicada e sensível”, foi colocada a uma posição culturalmente inferior. O homem, pelo contrário, possuía qualidades consideradas superiores. De acordo com Silva (2002, p. 12), a eles estava destinado, nessa visão, “o mundo público, onde as qualidades dominantes são a força, a inteligência operacional, a capacidade de

decisão, o ‘pulso firme’ e a contenção de sentimentos”.

**Transformação Pessoal** - Todas as entrevistadas afirmam que ao entrar na faculdade elas mudaram muito a sua visão de mundo e de pessoa, assim como também descobriram que existe vida além da sua casa e filho, e que não é possível sair da faculdade sendo a mesma que quando entrou.

## Dados da secretaria acadêmica

Os dados referentes à quantidade de acadêmicos que ingressam e concluem, foram solicitados junto à secretaria acadêmica da Faculdade. Em relação ao recorte temporal da pesquisa, foram analisados os dados do período de 2014 a 2018, sendo comparado o número de acadêmicos e acadêmicas que ingressaram e que conseguiram concluir os cursos de Administração, Ciências Contábeis, Pedagogia e Serviço Social. A seguir, podemos observar a tabela com os dados coletados na secretaria acadêmica. Em relação a cada curso pesquisado é possível ver a presença da maioria dos acadêmicos sendo do gênero feminino.

**Quadro 1** - Dados da secretaria acadêmica

Curso	Ingressantes			Concluintes		
	Total	M	F	Total	M	F
Administração	35	13	22	15	8	7
Ciências Contábeis	37	16	21	17	11	6
Pedagogia	25	2	23	7	0	7
Serviço social	15	1	14	7	0	7

**Fonte:** Arquivo da pesquisadora

Curso	Ingressantes			Concluintes		
	Total	M	F	Total	M	F
Adm	35	13	22	15	8	7
Contábeis	37	16	21	17	11	6
Pedag	25	2	23	7	0	7
Social	15	1	14	7	0	7

### Percentual em comparação com os ingressantes

Curso	Ingressantes			Concluintes		
	Total	M	F	Total	M	F
Adm	100%	37,1%	62,9%	42,9%	22,9%	20,0%
Contábeis	100%	43,2%	56,8%	45,9%	29,7%	16,2%
Pedag	100%	8,0%	92,0%	28,0%	0,0%	28,0%
Social	100%	6,7%	93,3%	46,7%	0,0%	46,7%

### Percentual em comparação com os concluintes

Curso	Concluintes		
	Total	M	F
Adm	100,0%	53,3%	46,7%
Contábeis	100,0%	64,7%	35,3%
Pedag	100,0%	0,0%	100,0%
Social	100,0%	0,0%	100,0%

**Fonte:** Arquivo da pesquisadora

Os cursos de Pedagogia e Serviço Social foram escolhidos por contarem, majoritariamente, com um maior público feminino. Foi possível notar que todos os formandos são mulheres. Nestes dois cursos o número de mulheres que ingressam e conseguem se formar é superior ao de homens.

Entretanto, nos cursos de Administração e Ciências Contábeis o número de mulheres ingressantes também é maior que o de homens sendo, todavia, o quantitativo de concluintes evidentemente superior de homens em relação às mulheres. E é possível inferir, portanto, que as dificuldades das mulheres em se manter na faculdade e concluir os cursos são maiores se comparado aos homens, uma vez que, conforme observamos no quadro acima, no curso de Administração ingressam 26% a mais de mulheres em comparação com os homens, mas concluem 3% a menos de mulheres que homens; e ainda, no curso de Ciências Contábeis, ingressam 14% a mais de mulheres e se formam 14% a menos, em comparação ao quantitativo de homens.

## Considerações Finais

Este estudo representou um aprendizado muito importante sobre a história das mulheres na educação superior. Surgiu da curiosidade em saber se as mães de famílias tinham alguma dificuldade para se manter na faculdade, pois eu como acadêmica e trabalhadora, não tenho auxílio da família e nem filhos, tenho dificuldades para cursar a faculdade, imagina aquelas mulheres que tem que trabalhar, cuidar dos filhos e ainda estudar.

Foi possível conhecer a luta que as mulheres tiveram que enfrentar para conseguir o seu direito de estudar e trabalhar perante a sociedade. São muitas as dificuldades encontradas por elas para se manter na faculdade, como preconceito que sofreram por pessoas da própria família. Lugar para deixar os filhos, principalmente aquelas que não tem marido ou que os mesmos não podem ficar com os filhos, por conta disto talvez muitas delas deixam para entrar na faculdade depois dos trinta anos, é quando os filhos já tem independência para ir com elas às aulas ou para ficarem em casa. A questão financeira é algo que afeta muito as acadêmicas, pois aquelas que não possuem um auxílio para pagar a faculdade tem que se manter e manter as mensalidades apenas com o salário que recebem por mês. Por conta disso, às vezes acabam escolhendo o curso de Pedagogia, por ser um curso mais barato.

A princípio acreditávamos que as mulheres iriam fazer uma ligação entre o cansaço físico e mental e a rotina com os cuidados da casa e dos filhos, mas não houve esta ligação, sendo considerado cansativo, o acúmulo com a rotina de estudo e trabalho. Talvez não considerem, de fato, exaustivo as tarefas com a casa e os filhos, ou talvez não se sintam à vontade para reclamar desses afazeres, por considerar ser sua obrigação de esposa e mãe, conforme lhes foi inculcado culturalmente.

Constatou-se que as mulheres são maioria no ensino superior atualmente, embora os cursos com maior predominância delas sejam de fato aqueles considerados como tipicamente femininos, mas as mulheres então tendo uma presença significativa nos cursos considerados para homens. Os estudos teóricos gerais realizados revelaram também que o grau de escolaridade atual das mulheres é maior que o dos homens, embora isto não tenha possibilitado que elas tenham igualdade salarial, mesmo que realizem as mesmas funções que os homens. Apesar de todas as dificuldades as acadêmicas acreditam que superar é importante assim como também lutar para conseguir concluir a faculdade com excelência, podendo ter, no futuro, uma melhor qualidade de vida profissional.

## Referências

ARAGÃO, Milena; KREUTZ, Lúcio. **Do ambiente doméstico às salas de aula: novos espaços, velhas representações**. 2010.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da educação e da pedagogia: geral e Brasil**. 3. ed.

rev. e ampl. São Paulo: Moderna, 2006.

BARRETO, Lima. **Divisão sexual e desigualdade**, 2014.

BARROSO, Carmen & MELLO, Guiomar. **O acesso da mulher ao ensino superior brasileiro**. Comunicação. XXVII SBPC. Belo Horizonte, 1975.

BELTRÃO, Kaizô Iwakami; ALVES, José Eustáquio Diniz. **A reversão do Hiato de Gênero na educação brasileira no século XX**. Cadernos de Pesquisa, v. 39, n. 136, p. 125-156, jan./abr. 2009.

COLLING, Ana M. **As primeiras médicas brasileiras: mulheres à frente de seu tempo**, 2011. Disponível em: <http://ojs.ufgd.edu.br/index.php/FRONTEIRAS/article/view/1607/964>  
Acesso: 20 de junho de 2019.

COMTE, Augusto. **Catecismo Positivista**. São Paulo: Nova Cultural, 2000. (Coleção Os Pensadores).

FILGUEIRAS, Carlos A. L. A química na educação da Princesa Isabel. Quím. Nova vol.27 no.2 São Paulo March/Apr. 2004, p. 350. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S01040422004000200031](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S01040422004000200031). Acesso em 18/06/2019.

HEILBORN, Maria Luiza & SORJ, Bila. **Estudos de gênero no Brasil**. In: MICELI, Sérgio (Org.). O que ler na ciência social brasileira (1970-1995). São Paulo: Sumaré, Anpocs/Capes 1999, 183-221).

MELNIKOFF, Ricardo André Aires; MELNIKOFF, Elaine Almeida Aires. **Professora, professorinha primeira profissão que legitima a mulher do século XIX**. In: IV Congresso Sergipano de História & IV Encontro Estadual de História da ANPUH/SE o Cinquentenário do Golpe de 64. Set, 2018.

RIBEIRO, Arilda Ines Miranda. **Mulheres Educadas na Colônia**. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FILHO, Luciano Mendes de Faria; VEIGA, Cynthia Greive (Orgs.). 500 Anos de Educação no Brasil. 2. ed. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2000, p. 79-94

ROSEMBERG, Fúlvia. **Educação gênero e raça**. Encontro da Latino American Studies Association, Guadalajara, México, 17-19, Abril, 1997.

SILVA, Erineusa Maria da. **As relações de gênero no magistério: a imagem da feminização**. Vitória: Edufes, 2002.

Recebido em 13 de novembro de 2020.

Aceito em 18 de novembro de 2020.